

## Entre Lençóis

Conversa entre Lígia Soares e João Lucas

—  
O que é que te interessa mais no meu trabalho?

Lígia Soares: O teu trabalho é logo uma forma, não é uma acção, é logo ideia e inspiração. **Nunca aparece com um 'depois logo vejo como é que faço' ou 'vou-me pôr a trabalhar e depois logo se vê o que é que aparece'. Nunca. Vem sempre com uma ideia, vem já repleto** de cor, de palavras e de relações. Depois sim, o trabalho, o manuseamento das matérias pode vir a revelar outros caminhos. São ideias passíveis de superar, modificar, comunicar, voltarem a ser outras ideias ou ideia nenhuma e alegram-se no tomar forma. Outra coisa que me impressiona no teu trabalho é o ecletismo, a capacidade de te ligares à música nas suas mais amplas possibilidades e ainda contribuíres para a ampliar sempre mais um pouco, com mais uma descoberta, inusitada, feita da tua disponibilidade para os acontecimentos. Ao mesmo tempo que a tua música é difícil de definir e agarrar em termos categóricos há sempre alguma coisa absolutamente distintiva que não nos deixa dúvida nenhuma de que é tua, seja ela popular, electrónica, sinfónica ou o diabo a quatro. No teu trabalho a música, normalmente a mais não verbal das matérias, é reveladora de dramaturgia, é organizadora de poéticas, de sintaxes e constitui-se muitas vezes como o coração dramático das obras que crias. No meu trabalho alio-me de uma necessária dose de cinismo e sei que olho com desconfiança para tudo aquilo que pretende comover. O teu trabalho é dos poucos sítios onde me permito que isso aconteça, viver a comoção, a celebração e o maravilhamento sem, por isso, ter de prescindir da fria lucidez necessária à compreensão do mundo. Para além disto, facilita o facto de as tuas preocupações como ser humano serem bem compatíveis com as minhas e saber que quando trabalho contigo não estou só.

João Lucas: Uma coisa que eu gosto nas tuas peças é elas serem vívidas, terem algo que se confunde com o mundo, algo que o captura nas redes da representação, mas que não o amortece nas intencionalidades de um discurso, algo que preserva a palpação do vívido no artifício da composição. Gosto do modo como isso sobressai, como cada momento acontece na duração do presente e na densidade da presença, na melodia das significações, na duração dos silêncios, na violência das intensidades, na vertigem das profundidades, no poder das banalidades, continuamente na interpelação concreta do outro, na implicação da sua presença, na recusa do seu anonimato. Penso também que essa produção de presença dá-se como resposta a uma interrogação do mundo que, sendo muito tua, nos é oferecida como muito nossa, de alguma forma sempre somos irmanados nesse movimento do teu pensamento. Uma interrogação suspende-nos perante um abismo, que é como quem diz, cria em nós uma duração de ignorância e de inocência, deixa-nos abertos a que o mundo nos responda nalgum momento que ainda não é o presente. Acho que isso é uma das coisas que tu fazes, uma perpétua suspensão perante o abismo da presença. Uma suspensão que é em si um movimento. A tua interrogação nasce nesse movimento perpétuo em direcção ao mundo que sempre te transcende, portanto é uma interrogação que se vai refazendo e transfigurando ao longo do processo criativo, de obra para obra, de dispositivo para dispositivo. Essa interrogação é uma coisa da tua vida e é formulada para ser também da nossa vida, é-nos oferecida como muito nossa, o que de alguma forma nos torna *irmãos em armas* no desvelamento do mundo. Gosto também da clarividência com que identifico o meu lugar no trilho do teu pensamento. Um lugar que vai oscilando no seu devir-obra, um bocadinho mais assim ou mais assado, mais isto ou mais aquilo, mas um lugar sempre de completa harmonia com a obra, um lugar que se apropria da obra com a soberania da liberdade e com a ética do desejo. Esta vizinhança entre a liberdade e a ética fazem da tua obra a minha obra. Sou

absolutamente livre na minha autoria, sou definitivamente ético para que a tua alma nunca me abandone e desse modo floresça uma face da minha expressão que também te pertence. Isso talvez seja a coisa mais bonita, porque o gesto de composição passa a ser um gesto de partilha, porque ele sai de mim procurando a obra e a obra fala-me com o timbre da tua voz. Esse é o sortilégio que se mantém cativo, em tudo o que vivo, no que fazemos juntos.

—

De que forma vamos trabalhar juntos?

Lígia Soares: Primeiro vamos partilhando as ideias à distância, enquanto estás no Brasil e eu em Lisboa, e construindo a escrita a partir da ideia de cena que tem como foco a criação de uma instalação performativa a ser habitada pelo público. Uma ideia bem concreta em termos de acção, mas que temos de descobrir juntos para não ser demasiado vaga para o público. Depois eu vou fazendo a manutenção do conceito e da ideia inicial, a descoberta da sua execução e tu vais-me mostrando o seu potencial em formas que eu não imaginava. O próximo passo é conseguir escrever mais texto, já autonomizado das entrevistas, já com uma voz bem definida (Será a minha ou a tua? Temos de pensar nisso, talvez uma voz masculina seja mais desafiante para falar sobre enxoval, que te parece?)

João Lucas: Ora desta vez vamos interrogar lençóis. Eu acho que lençóis nos dirão o seu lugar na ordem do mundo. Parece-me, portanto, que a nossa missão será projectar o mundo nas suas dobras, nas suas múltiplas faces que virão a ser o espelhamento da diversidade das pessoas com as quais nos iremos implicar, as que nos visitam e as que já lá estavam. Pessoas que têm lençóis e pessoas que dormem nesses lençóis. Pessoas que acolhem e pessoas que são acolhidas, que se misturam umas com as outras no contacto da pele com o tecido dos lençóis, e nesse contacto materializam uma relação específica com o mundo. Os lençóis são oferecidos com a generosidade das partilhas, lavados e dobrados, rescendendo ao aroma dos rios ou dos amaciadores de roupa. Os lençóis são devolvidos amarfanhados pelo sono dos hóspedes, tocados por sonhos ou eivados de pesadelos, maculados com manchas suspeitas, ou apenas marcados pela transpiração nocturna que coloca os lençóis na matéria viva da vida dos materiais diversos do festival. Os lençóis têm que ser dobrados dobrados porque há uma ordem em que nos desejamos integrar, uma ordem que sugere uma explicação, uma resposta, uma ordem que aspira a dominar a complexidade do mundo reduzindo-a a um mecanismo elementar. Eu gostava que houvesse uma cantiga que falasse disto tudo, o que achas?

—

Para além do festival, como é que vês estes jogos de lençóis e a questão da hospitalidade? O que é que achas que podes dizer sobre isto a partir do teu trabalho?

Lígia Soares: Para responder a esta pergunta vou partir de um olhar sobre os trabalhos que tenho feito e onde tenho mais fortemente tentado reflectir directamente as minhas preocupações e inquietações pessoais, não vendo a minha actividade artística unicamente como profissional, que é coisa que não me interessa muito, mas principalmente como um gesto da minha pessoa sobre outras pessoas. Esta necessidade agora, de me desidentificar da palavra trabalho é do mesmo nível com que tenho questionado as produções teatrais ou performativas que tenho feito. Através delas, pretendo desfocar os contornos que separam o espectador do actor, a cena do público, activo de passivo, produto de consumidor, espaço de cena de espaço fora de cena, e por aí fora. E tentar, através desse desfoque, apontar para um outro lugar, desorganizado em termos de lugares marcados, mas escrutinador das relações humanas, da comunicação, da responsabilidade sobre o outro, sobre a sociedade e tudo o que pode ainda ser vivo e

mudar. Nesse sentido, recorro a elementos como: um dispositivo cénico activo sobre o espectador — isto pode também ser visto como um jogo com regras partilhadas pela dramaturgia da peça; recorro a signos inteligíveis por todos, procurando a experiência real e fluida da relação com essa linguagem fictícia — esta pode ser considerada uma espécie **de 'lençol' onde baixamos as nossas armas e nos deixamos discorrer num lugar de** conforto entre as pessoas e de confronto de linguagens; e ainda procuro, através do espaço teatral ou performativo, fazer pensar sobre os outros e experienciar os outros como alguém de igual importância a cada um de nós, valorizando os espaços em que podemos partilhar as nossas acções com um sentido comum em vez de privado, o que me parece facilmente ligar-se à ideia de hospitalidade.

João Lucas: *Jogo de Lençóis* é o que se pode chamar de um aparato doméstico. Mas *jogo de lençóis* é também uma metáfora que refere a implicação de dois signos, neste caso o signo *jogo* e o signo *lençol*. Ora *jogo* é um signo que, isolado, expande a sua significação imediata de conjunto indeterminado de artefactos para atividades tendencialmente lúdicas, invocando outros signos como o badmington, cabra-cega, monopólio, erotismo, computador, luta, etc. Já *lençol* é um signo que, isolado, remete para outros signos que o implica com qualidades térmicas, texturais, cromáticas, económicas (lençóis quentinhos, lençóis macios, lençóis brancos, lençóis baratos), etc. O signo *lençol* pode ser também utilizado na evocação de fluxos aquáticos, como lençóis de água ou lençóis freáticos. O poder metafórico da implicação destes dois signos pode criar uma infinidade de outros signos, gerando imagens como *disputa de fervuras, áspera escuridão, carícias aveludadas* ou *vermelho digital*, para dar apenas alguns exemplos. Por outro lado, *hospitalidade* é um signo com objecto imediato no acolhimento de outrem, mas com virtualidades semânticas relacionadas mais estritamente com acolhimento puro e simples — *esta frase acolhe várias significações, esta pergunta acolhe várias respostas*. Juntando *jogo de lençóis* a *hospitalidade*, a expansão significativa destes três signos eleva-nos a uma esfera de implicações virtualmente infinita — *o acolhimento de normas aquáticas, o fluxo de jogadas hospitaleiras, o amplexo enrodilhado da sorte*. A partir das poéticas latentes neste universo de implicações possíveis, parece-me que a minha função imediata é tentar ouvir a música que se esconde na sombra destes signos, ponderar as vibrações atmosféricas que os envolvem, descobrir a reverberação acústica da hospitalidade na pulsação do jogo de lençóis.